AS ILUSÕES DO MULTICULTURALISMO

Omar Ribeiro Thomaz

Cornel West – **Questão de Raça** (*Race Matters*, tradução: Laura Teixeira Motta), São Paulo, Companhia das Letras, 1994, 124 páginas.

"Nós, negros, nossa história e nossa presente existência, somos o espelho de todas as múltiplas experiências dos Estados Unidos. O que desejamos, o que representamos, o que suportamos, isso é o que os Estados Unidos são. Se nós, negros, perecermos, os Estados Unidos perecerão. (...) As diferenças entre negros e brancos não são de sangue ou cor, e os laços que nos unem são mais fortes do que os que nos separam. O caminho comum da esperança que todos nós percorremos conduziu-nos para um parentesco mais estreito do que todas as palavras, leis ou reivindicações legais."

Richard Wright, 12 million black voices, 1941 (p. 25)

No Brasil estamos muito mal acostumados. Pelo menos desde a década de 30 o senso comum erigiu uma auto-representação no mínimo complacente no que se refere às relações inter-raciais: aqui não haveria "questão", não haveria "problema". Se por um lado, é importante lembrar, Gilberto Freyre foi o grande idealizador da imagem de um Brasil harmônico, onde não existiriam conflitos entre credos, raças e culturas, não podemos esquecer que, com raras exceções, o mundo intelectual brasileiro se calou diante de uma das maiores vergonhas nacionais: a flagrante situação de exclusão vivida pela maioria negra e mestiça do país. A existência de um grande contingente "branco" entre as camadas mais pobres da população não poderia ter tido um efeito mais perverso: serviu para amenizar a má consciência nacional. Nos Estados Unidos, a relação entre brancos e negros se coloca, desde o final da escravidão pelo menos, como uma "questão", e é como "questão" que Cornel West a apresenta.

Filósofo, militante socialista e, sobretudo, cristão, Cornel West realiza neste conjunto – desigual – de ensaios uma violenta crítica ao debate existente em torno da questão negra nos Estados Unidos atualmente. O tom profético assumido pelos seus textos pode causar estranheza, mas não ofusca a intransigente defesa que faz o autor dos valores universais num mundo fragmentado onde os direitos do indivíduo-cidadão se diluem num sem fim de reivindicações de diferentes

comunidades. Ao lado do nacionalismo afro-americano, mulheres, gays, comunidades étnicas se enlaçam num conflito que põe em questão o espaço público e os próprios valores da democracia. O cenário de fundo é uma profunda crise econômica e, sobretudo, uma crise de valores, que expõe ainda mais os grupos tradicionalmente desfavorecidos.

Da crítica de Cornel West não escapam nem os liberais, nem os conservadores, nem as atuais lideranças negras norte-americanas. O seu discurso profético e religioso, a sua defesa do "amor" e do "sacrifício", o enlaçam à tradição de lideranças negras que sacudiram os Estados Unidos nas décadas de luta pelos direitos civis. Lideranças como M. Luther King ou Malcom X que ousaram desnudar as mazelas da sociedade norte-americana. Lideranças que, como lembra Cornel West, não existem mais.

Spike Lee, em filmes como Faça a coisa certa ou Febre na selva expressou, com enredos e imagens fortes, o que Cornel West procura transmitir neste conjunto de ensaios: o coletivo afro-americano desagregado, exposto à violência, à droga, ao desemprego. Em Faça a coisa certa, os acontecimentos de uma pequena rua no Brooklin num quente dia de verão nova-iorquino: jovens negros, desempregados, em conjunto com hispanos, se enfrentam com representantes da comunidade ítalo-americana; coreanos — recém chegados nos Estados Unidos, mas já estabelecidos — se expõem à

frustação e incompreensão dos negros; todos são observados por policiais brancos que representam o establishment, que intervêm no momento da violência, gerando mais violência. Os mais velhos, como o *Prefeito* ou o dono da pizzaria procuram, em vão, evitar o conflito. O patético *Smile* desfila com fotografias de líderes negros já desaparecidos: M. Luther King, Malcom X...

Em Febre na selva, o público brasileiro teve que se enfrentar com imagens insólitas, onde diferentes critérios de adscrição étnica — o que é ser negro no Brasil ou nos Estados Unidos — chocaram o espectador. A relação amorosa entre um afro-americano de classe média e uma ítalo-descendente provoca inúmeros conflitos em ambas comunidades. O pano de fundo é a incompreensão e a falta de diálogo entre as diferentes comunidades étnicas que compõem o mosaico norte-americano. A droga aparece aqui como mais um elemento desagregador e a antiga comunidade religiosa — representada pelo anacrônico discurso do pastor — parece não fornecer elementos de coesão suficiente.

Questão de raça – como os filmes de Spike Lee – representa uma rara oportunidade para o leitor brasileiro interessado na crise social que afeta o mundo contemporâneo, onde modelos de relações raciais – o multiculturalismo ou a suposta democracia racial brasileira – parecem já não dar conta de uma realidade marcada por conflitos, segregação e desigualdades sociais.

O colapso da comunidade

A citação que Cornel West faz de um texto de W. E. Du Bois – escrito há quase um século – é reveladora: os negros, nos Estados Unidos, foram e são considerados "pessoas-problema". Transformados em "forasteiros" dentro do seu próprio país e considerados a partir do que representam para os brancos, assim aparecem os negros no debate racial. Desta forma, liberais e conservadores polarizam uma discussão medíocre que escamoteia uma análise aprofundada da sociedade americana como um todo.

Os liberais propugnam a intensificação de programas governamentais, reduzindo, portanto, a questão racial à dimensão econômica. Os conservadores, adeptos da livre iniciativa, propõem uma mudança na conduta moral dos negros pobres. "Em consequência, para os liberais, os negros devem ser 'incluídos' e 'integrados' em 'nossa' sociedade e cultura, ao passo que, para os conservadores, eles devem ser 'bem comportados' e 'dignos de aceitação' por 'nosso' modo de vida. Em ambos casos, não se percebe que a

presença e as dificuldades dos negros não são adições nem deserções na vida norte-americana, e sim *elementos* constituintes dessa vida" (p. 19).

Partindo desta crítica ao debate político entre liberais e conservadores, Cornel West insiste em que uma abordagem eficaz da questão racial nos Estados Unidos não deve ter início numa análise dos problemas dos negros, mas nas imperfeições da sociedade norteamericana. O autor defende, sobretudo, uma análise da questão racial em todas as suas dimensões. Não se trata, portanto, de simplesmente realizar um diagnóstico da situação econômica do contingente afro-americano - e propor mecanismos institucionais de apoio. Restringir o debate à questão econômica transforma os negros em vítimas do sistema e lhes nega o direito de errar. Por outro lado, partir da análise do mal comportamento dos negros - sobretudo dos homens negros - reforça uma idéia unívoca da existência de uma América à qual a população afro-americana deve adequar-se. Evidentemente, os padrões vigentes nesta América são ditados por uma pequena parcela da população, branca e protestante.

A América, insiste Cornel West desde o início, é composta e foi construída por negros e brancos. Sem a população afro-americana, os Estados Unidos simplesmente não existiriam. É no questionamento do que é ser norte-americano que se situa, portanto, o debate. A definição do nacional não pode passar apenas por uma das comunidades que compõem o mosaico cultural deste país — e que define os mecanismos de "integração".

O autor crítica, também, a proposta multiculturalista que vem se construindo nas últimas décadas. O multiculturalismo levou à fragmentação da sociedade norte-americana, onde os indivíduos se definem segundo linhas de raça, sexo ou preferência sexual e se enfrentam numa esfera pública que mais se assemelha a um campo de batalha. "Os apelos aos interesses particulares em detrimento dos interesses públicos reforçam esta polarização. O tumulto de Los Angeles foi uma expressão da total fragmentação dos cidadãos impotentes (...)" (p. 22); este tumulto, longe de ser a expressão de uma "revolta étnica", insiste West, foi o reflexo da angústia presente na sociedade norte-americana como um todo.

Os grupos culturais se degladiam numa esfera pública marcada antes pelo consumo que pela dignidade ou espiritualidade de cada uma das comunidades. Na verdade, segundo o autor, as comunidades se esfacelaram, na medida em que perderam a espiritualidade. "Assistimos ao colapso das comunidades espirituais que, no passado, ajudaram os norte-americanos a enfrentar o desespero, a doença e a morte, e que

Cadernos de Campo, nº 3, 1993.

transmitem através das gerações a dignidade e a decência, a excelência e a elegância" (p. 21).

O niilismo e a crise de liderança

O debate político contemporâneo norte-americano se nega, segundo o autor, a penetrar nas profundezas das "turvas águas da desesperança e do medo que hoje inundam as ruas da América negra" (p. 28). Os liberais, incentivando ajudas às populações carentes e os programas de "ação afirmativa", interpretam a situação atual dos negros a partir de uma crítica à estrutura econômica e política. Os conservadores incentivam "programas que promovam a iniciativa pessoal, a expansão das empresas de propietários negros e as práticas de emprego que não privilegiam as minorias" (p. 28); propugnam, enfim, a incorporação, por parte da comunidade negra, da ética protestante, e interpretam a situação atual a partir de uma ótica comportamental.

Ora, como bem lembra Cornel West, estrutura e comportamento são peças inseparáveis de um mesmo sistema. A estrutura, por outro lado, é também cultural: fundamenta-se, como a política e a economia, num conjunto de instituições; a economia e a política, salienta, não são apenas influenciadas pelos comportamentos, como também promovem um conjunto de representações sobre como é e como deve ser a sociedade.

É, portanto, com a cultura norte-americana que deve enfrentar-se o debate em torno da questão racial nos Estados Unidos. Uma cultura que reproduz uma sociedade segregada e um conjunto de valores que somados à estrutura econômica e política – relega os negros - e outras minorias - às ruas do desespero e da falta de esperança. É o que Cornel West define como o niilismo: "o niilismo deve ser compreendido aqui não como uma doutrina filosófica segundo a qual não existem fundamentos racionais para normas e autoridade legitimas; ele é, muito mais, a experiência de viver dominado por uma pavorosa falta de propósito, de esperança e (acima de tudo) de amor. O resultado aterrador é o desligamento e a insensibilidade em relação às outras pessoas e uma índole autodestrutiva em face do mundo. A vida sem significado, sem esperança e sem amor gera uma perspectiva fria e mesquinha, que destrói tanto o próprio indivíduo como os demais" (p. 31; grifos do autor).

O niilismo não é um fenômeno novo entre os negros da América: a escravidão que os trouxe da África jogou-os num mundo cuja principal luta era justamente contra o niilismo. Paradoxalmente, o negro sob o regime escravista não se deixou vencer e lutou contra a escravidão. A liberdade conquistada não lhes garantiu, contudo, a igualdade. As tradições culturais e as comunidades religiosas reagiram vigorosamente contra a ameaça niilista e conseguiram perpetuar, na luta, a dignidade da América Negra. O mundo contemporâneo, no entanto, possui forças que fazem do niilismo a maior ameaça à população afro-americana e fragmenta, em função do mercado, a sociedade civil negra e as organizações religiosas – igrejas e mesquitas – lançando um grande número de negros numa vida dominada por um fraco senso de identidade sem laços e princípios que os amparem. A ameaça niilista contribui fortemente, lembra o autor, para os altos índices de criminalidade da população negra e se nutre da pobreza e da fragmentação das instituições culturais.

Ao lado do colapso da comunidade, da fragmentação social e do niilismo, o mercado das empresas – detentoras de um volume desproporcional de capital e poder – dita as regras de um modo de vida voltado para o *prazer*, que quer dizer conforto, comodidade e estímulo sexual. "Assim definido, o prazer guarda pouquíssima relação com o passado, e vê no futuro apenas a repetição do presente voltado para o hedonismo" (p. 33). Os indivíduos são reduzidos, pelo mercado, a consumidores ou objetos do prazer.

O autor vê a necessidade urgente de uma nova liderança negra que realize, pelo amor e solicitude, uma política de conversão. Esta ética do amor é a única forma de lutar contra o niilismo e "constitui a última tentativa para gerar entre as pessoas oprimidas o sentimento de que elas são capazes de influir" (p. 35).

A recuperação que Cornel West faz da figura de Malcom X no último ensaio é significativa. Reconhece a ira do grande líder muçulmano: ira que criou a coragem necessária para por em evidência a hipocrisia da sociedade norte-americana e situação absurda vivenciada pelos afro-descendentes. A atualidade da ira de Malcom X se dá na medida em que esta era fruto do amor:

"Malcom X foi o profeta da ira negra sobretudo em razão de seu grande amor pelo povo negro. Esse amor não era abstrato nem efêmero; constituía um elo concreto com um povo degradado e desvalorizado, carente de conversão psíquica. Foi por esse motivo que a articulação da ira negra levada a cabo por Malcom X não se dirigiu em primeiro lugar à América branca. Malcom acreditava que, se os negros sentissem o amor que motivava aquela ira, esse amor produziria neles uma conversão psíquica; eles se afirmariam como seres humanos, não mais enxergando seus corpos, mentes e almas segundo a ótica dos brancos, e se julgariam capazes de assumir o controle de seu próprio destino." (p. 113)

A liderança política negra contemporânea revela antes a docilidade da classe média afro-americana - denuncia Cornel West -, do que a seriedade, a ira e o amor de Malcom X ou M. Luther King. A recuperação da liderança tradicional no interior de uma crítica à classe média emergente afro-americana não se faz, é importante lembrar, sem ressalvas: para West, figuras como Malcom X se calaram diante do autoritarismo de países islâmicos ou da situação da mulher negra. Aliás, West - de forma políticamente correta, mas com seriedade - salienta a situação atual da mulher negra, contingente mais castigado seja pelo colapso da comunidade, pela crise econômica ou pelo machismo e homofobia característico das lideranças negras norteamericanas. O renascimento de lideranças afroamericanas significativas se daria, portanto, a partir de uma política de conversão - lograda sobretudo pelo "amor" - e a partir de uma auto-crítica da própria comunidade negra.

A crítica da cultura

West não se nega a penetrar nos meandros mais tenebrosos da estrutura de relações raciais e sexuais nos Estados Unidos. Nos ensaios que dedica às relações entre negros e judeus e à sexualidade dos negros — os mais fracos, a meu ver — realiza uma verdadeira crítica à cultura norte-americana como um todo.

As relações entre negros e judeus vêm marcadas por uma profunda ambigüidade. Inicialmente, há empatia: dois grupos historicamente perseguidos, um pelo anti-semitismo, que culminou no holacausto, outro condenado no passado à escravidão e à uma realidade presente que o relega às esferas inferiores da estrutura social. Esta empatia inicial levou a uma aliança fundada em princípios no período da luta pelos direitos civis dos negros. No entanto, a situação diferenciada ocupada por negros e judeus na estrutura social norte-americana e o papel desempenhado nas últimas décadas pelo Estado de Israel nos conflitos do Oriente Próximo vêm ofuscando esta relação. West detecta no anti-semitismo dos negros e no racismo dos judeus fenômenos "tão caracteristicamente norte-americanos quanto a torta de cereja" (p. 89). A luta dos negros pela liberdade e contra os surtos de fascismo e xenofobia do qual os Estados Unidos não escaparam deve ser levada a cabo a partir de sólidas noções de justiça e liberdade para todos - premissas enfraquecidas pelo anti-semitismo, o machismo e a homofobia.

As representações e mitos ligados à sexualidade dos negros – que vão da hiper-sexualidade à assexualidade do Pai Tomás – "apresentam criaturas

distorcidas, desumanizadas, cujos corpos (...) já são diferenciados com relação aos padrões brancos de beleza, e cuja temida atividade sexual é considerada repulsiva, obscena ou suja, e tida como menos aceitável" (p. 101). A sexualidade dos negros transformou-se num verdadeiro tabu — numa sociedade obsecada pelo sexo: tabu que alimenta a idéia de "perigo" associada ao "forasteiro", ao desconhecido, e que penetra no cerne do "não dito" das relações entre brancos e negros nos Estados Unidos.

A ação afirmativa

A "ação afirmativa" — política que procura favorecer condições de emprego e moradia a minorias étnicas e sexuais historicamente discriminadas — tem provocado importantes debates no contexto norteamericano. Sem entrar novamente na mediocre contenda que enfrenta liberais e conservadores, West vê na "ação afirmativa" não uma solução, mas um mecanismo que intimida práticas discriminatórias contra negros e mulheres.

Os programas de "ação afirmativa", todavia, criam uma sensação de inferioridade no negro, que é visto nos locais de trabalho como um privilegiado que não foi submetido às mesmas regras do mercado que os seus pares; contribuem, assim, para a falta de autoconfiança da América Negra. West lembra também que os escassos exemplos de negros bem sucedidos pela aceitação da ética protestante — trabalho árduo, adiamento das recompensas, frugalidade e responsabilidade -, tão celebrados pelos republicanos, não explicam o fracasso daqueles que, da mesma forma, abraçam este mesmo conjunto de valores e condutas.

A "ação afirmativa" atinge, portanto, o cerne da crise fundamental da América negra: pobreza demais e amor próprio de menos. O autor insiste que "se existissem medidas sociais democráticas redistributivas que eliminassem a pobreza entre os negros, e se a discriminação racial e sexual pudesse ser sobrepujada por meio da boa vontade e de critérios louváveis por parte dos que detêm o poder, a "ação afirmativa" seria desnecessária." (p. 83)

As ilusões do multiculturalismo e da democracia racial

Nos ensaios de West a idéia de "crise" é onipresente: crise econômica e política; crise de

liderança e do espaço público; crise de identidade e de representações. Repensar os Estados Unidos como um todo, enquanto nação multicultural, mas sem as armadilhas do multiculturalismo que particulariza o espaço público em função dos interesses de diferentes grupos que se definem enquanto raça, sexo ou preferência sexual, parece ser o propósito de Cornel West. A nação então ocuparia o centro das suas preocupações.

No Brasil, a questão racial, como deixa bem claro o livro de Lilia Schwarcz¹, foi pensada, desde a segunda metade do século XIX pelo menos, como "questão nacional"; ao lado de uma ideologia que via na mestiçagem e na presença de um grande contingente negro no Brasil a razão do nosso atraso, gestou-se aquela que encontrava no componente mestiço da sociedade brasileira as marcas da nossa suprema diferença. A partir dos anos 30, com a publicação de Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, e com os Congressos Afrobrasileiros de Recife e Salvador, a presença africana no Brasil pouco a pouco é positivada e, como lembra Peter Fry², símbolos étnicos se transformam, paulatinamente, em símbolos nacionais. A democracia racial é, enfim, transformada numa ideologia de Estado e numa autorepresentação recorrente do Brasil nas últimas décadas³. Criticada sobretudo após a pesquisa da UNESCO levada a cabo no Brasil no início dos anos 50, a idéia de democracia racial e o elogio da mestiçagem renascem das cinzas em trabalhos intelectuais, discursos políticos, nos terreiros de umbanda e no carnaval.

No Brasil, no entanto, vivemos também uma crise que, para além da crise econômica e política, se revela numa crise de representações: ao lado da visão, cada vez mais frágil, da democracia racial, as relações entre brancos, negros e índios emergem como "questão" e põe em xeque-mate a nação brasileira. As diferenças étnicas são reavaliadas e revitalizadas e surgem agora como um valor no debate político brasileiro.

Curioso paradoxo: por caminhos e tradições absolutamente divergentes, os Estados Unidos e o Brasil – países que, em conjunto com a África do Sul, configu-

raram modelos diferenciados de relações raciais — desembocam no mundo contemporâneo numa crise que questiona não só as estruturas sociais dominantes mas os próprios valores da democracia. Não podemos esquecer que as relações e os conflitos inter-étnicos estão em pauta não somente nestes países do Novo Mundo ou da África, mas também na velha Europa⁴. Para além de constatar as ilusões do multiculturalismo e da democracia racial, não seria questão realizar um esforço de reflexão em torno destes processos que se colocam de uma perspectiva mundial?

^{1.} SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças, Cia das Letras, São Paulo, 1993.

^{2.} FRY, Peter. "Feijoada e soul food" in *Para inglês ver*, Zahar, Rio de Janeiro, 1982. Este tema foi retomado recentemente por SCHWARCZ, Lilia. "Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra", mimeo., 1994; REIS, Letícia Vidor de Souza. *Negros e Brancos no jogo de capoeira: a invenção da tradição*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 1992.

^{3.} Com relação a questão racial realizei em conjunto com Fernanda Peixoto um pequeno balanço: "Relações entre negros e brancos no Brasil contemporáneo: notas para um projeto de pesquisa" mimeo., CEBRAP, São Paulo, 1994.

^{4.} Sobre a questão étnica e cultural na Europa contemporânea, ver, entre outros: STOLKE, Verena. "Cultura européia: nova retórica da exclusão" in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 22, 1993; COMAROFF, John. "Humanidade, etnia, nacionalidade: perspectivas conceituais e comparativas sobre a URSS" in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 22, 1993.